

Aspectos sócioeconômicos de desenvolvimento para pequenos produtores: Estudo de caso da Comunidade do Paraná da Eva, município de Itacoatiara-AM.

Márcio Martins Pereira (1) e José Adilson Vieira de JESUS (2)

(1) Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus-AM.

(2) Comissão Pastoral da Terra-CPT, Manaus,AM.

O desenvolvimento da região amazônica está ligado às atividades dos povos indígenas, das comunidades extrativas, dos agricultores tradicionais e dos pescadores. Essas populações criaram estratégias de uso, baseadas na sustentabilidade dos recursos da região, como base de sobrevivência e reprodução. Os sistemas de produção desenvolvidos por esses povos são diversos e complexos, e foram construídos durante séculos com base na diversidade cultural e na conservação dos recursos naturais (GTA,1999).

Existem vários exemplos concretos de produção sustentável na Amazônia, ligados diretamente à experiência dos movimentos sociais. Entretanto, a disseminação dessas experiências exitosas, através de programas de extensão e assistência técnica, é fator determinante no avanço do desenvolvimento.

Esse trabalho tem como objetivo descrever a experiência desenvolvida na localidade Paraná da Eva, situada no município de Itacoatiara (AM) e analisar a possibilidade de adoção do modelo de desenvolvimento sustentável em outros locais com características semelhantes.

O estudo foi realizado no período de janeiro a abril de 1999, através de questionários aplicados à 25 famílias da Comunidade Sagrado Coração. Através desse levantamento, procurou-se conhecer os aspectos históricos, sociais e econômicos da comunidade, além das técnicas usadas nos sistemas de plantio e os entraves para sua adoção em outras localidades.

O acesso à Comunidade Sagrado Coração pode ser realizado de duas maneiras: via fluvial, descendo o Rio Amazonas até a entrada do Paraná da Eva; percurso feito cerca de 8 horas de barco; via terrestre-fluvial,

seguindo pela da Rodovia Am 010 até o km 166, a partir daí percorre-se mais 46 km de ramal, até a Vila de Ceazone, e mais 40 minutos de voadeira, até o Lago do Engenho e Igarapé da Maria Inglesa, onde se localiza a comunidade.

Essa comunidade foi formada em 1987 com agricultores provenientes das áreas de várzea do estado do Amazonas, que conheciam apenas o cultivo de espécies como malva, juta, seringa e cacau. Inicialmente, foram obrigados a sobreviver, na terra firme, da venda da força de trabalho por não conhecerem as culturas desse ecossistema. Após algum tempo convivendo nessa situação, os produtores se organizaram para discutir quais atividades agrícolas poderiam ser desenvolvidas na comunidade. Dessas discussões originou-se o Grupo dos Lavradores em Ação, composto por 26 famílias, que decidiram adotar um sistema de produção de mandioca, abacaxi e cupuaçu, cultivados sucessivamente na mesma área, através de mutirões, onde cada família implantava 1 hectare do sistema. Para o mutirão, a estratégia utilizada foi a da formação de grupos de três agricultores que morassem próximos e trabalhassem juntos, no máximo três dias por semana, para não interferir nos trabalhos individuais. Para aquelas atividades que demandavam maior mão-de-obra, como a derruba, todo o grupo participava.

Com financiamento de sete mil reais por família, foram escolhidos três fiscais para gerenciar a aplicação dos recursos. O financiamento foi aplicado em novas áreas de cultivo, na compra de motores com rabeta, para o transporte fluvial, e na aquisição de um flutuante com mercadorias, no valor de 120 mil reais. O flutuante funciona como entreposto de compra e venda de produtos alimentícios e

agrícolas, com o objetivo de diminuir os altos custos dos produtos comprados de atravessadores. Além desse patrimônio, a Associação investiu na compra de um imóvel em Manaus, equipado com câmara frigorífica para congelamento de polpas de frutas no valor de 80 mil reais, um automóvel no valor de doze mil reais e um terreno na Vila de Ceazone para construção de outro frigorífico no valor de 8 mil reais.

Atualmente a comunidade é formada por 76 famílias, sendo que apenas 35 participam da Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Trabalhadores Rurais da Comunidade Sagrado Coração (ASCOPE), que existe oficialmente há 7 anos, mas que já realizava trabalho em grupo a aproximadamente 13 anos. Das 76 famílias da comunidade, somente 30 possuem terra própria; as demais vivem como agregados, em sistema de parceria, dentro das terras tituladas. O número de famílias dentro de um mesmo lote de terra pode chegar até 10. Todos são mão-de-obra ativa e as crianças também fazem parte das atividades produtivas.

A comunidade está situada em área de terra firme, com solos argilo-arenosos e algumas manchas de Terra Preta de Índio (Normando *et al.*, 1994). O tamanho dos lotes varia de 80 a 160 hectares e a área plantada com roça não ultrapassa 1ha por família.

Os sistemas de produção encontrados nas propriedades apresentam como componentes principais o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), o abacaxi (*Annanas sp*), o maracujá (*Passiflora edulis*) a mandioca (*Manihot esculenta*) e, em cerca de 20 propriedades, a pecuária com no máximo 60 cabeças. Existem algumas propriedades que manejam áreas de capoeira com grande densidade de tucumã (*Astrocaryum aculeatum*) intercalado com cajueiro (*Anacardium occidentale*).

O estabelecimento do sistema inicia com a derruba e queima da mata ou capoeira. Em seguida o abacaxi é plantado em setembro/outubro, no espaçamento 1,70m x 0,25m, nos meses de novembro/dezembro, realiza-se o plantio da mandioca nas entrelinhas do abacaxi, em seguida o cupuaçu, no espaçamento de 5m x 5m e a Castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*), no espaçamento 10m x 10m.

Após oito meses, colhe-se a mandioca e logo que finaliza o ciclo do abacaxi, em algumas propriedades coloca-se o gado para pastar, ficando apenas o cupuaçu, produto principal da comunidade.

O plantio do cupuaçu é realizado através da semeadura de 2 a 3 sementes/cova, diretamente no campo. A área plantada com essa cultura na comunidade é de aproximadamente 900ha, sendo que 650ha são de famílias associadas e 250ha são de famílias não associadas.

A produtividade de um plantio novo de cupuaçu, sem ataque de pragas e doenças, está em torno de 1.000kg/ha a 1.200kg/ha de polpa, podendo chegar a 1.500kg/ha. Em plantios mais velhos, com severos ataques de vassoura-de-bruxa, a produtividade pode cair pela metade.

A vassoura-de-bruxa é o principal fator limitante para o aumento de produção de cupuaçu na comunidade. Embora alguns produtores utilizem a poda fitossanitária para controlar essa doença, grande parte não adota esta técnica.

O custo de implantação do sistema é de aproximadamente R\$1.170,00. Com a produção de 1.200kg/ha de polpa, que podem ser vendidas a R\$1,25 o quilo, na safra, o produtor tem uma receita bruta de R\$1.500,00 e uma receita líquida de aproximadamente R\$300,00.

Os primeiros plantios de abacaxi foram realizados há mais de 15 anos, com variedades lisas que foram substituídas por variedades com espinhos, menos atacadas por brocas. O espaçamento adotado no plantio do abacaxi é de 1,70m entre linhas e 0,25 entre plantas, comportando 15000 plantas, com produção em torno de 12.000 frutos/ha, no primeiro ano e 6.000/ha frutos no segundo ano.

Algumas famílias cultivam 10ha de cana-de-açúcar da variedade "paulista", destinada a fabricação de melaço. A produção é de 600 latas de 18l, de melaço/ha ou 48 latas/semana. Para cada lata de melaço, gasta-se, em média, 360 hastes de cana que equivalem a 180l de caldo de cana.

A produção é transportada de barco todas as terças e sextas-feiras, para a feira da

Panair, em Manaus. Os principais produtos comercializados são o cupuaçu e o abacaxi, porém outros como o tucumã, maracujá, macaxeira, mel-de-cana e maxixe também são vendidos. O cupuaçu é comercializado na forma de polpa, sendo que grande parte é beneficiado em despoldadeira.

A produção de polpa de cupuaçu na comunidade vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. Na safra 96/97, a produção foi de 50t, em 97/98 de 80t, em 98/99 de 100t, em 99/2000 de 200 toneladas e a previsão para 2000/2001 é de 250t.

O trabalho da Associação, que iniciou com 26 famílias, conta atualmente com 36 famílias. O benefício gerado por essa experiência vai além dos associados, pois cerca de 80 famílias adotaram o sistema de produção e participam ativamente dos trabalhos na comunidade.

O nível de vida das famílias é bem elevado, com sistema sanitário bem estruturado, poços artesianos e água encanada. Todas as famílias visitadas possuíam geladeira à gás, televisor à bateria, aparelho de som, lancha com motor de popa e, alguns, possuíam antena parabólica e rádio amador. Esse quadro é o reflexo do bom gerenciamento de recursos, elevação da renda sazonal para cerca de 3 a 4

salários mínimos/família/mês, além da constante oferta de produtos como cupuaçu de janeiro a maio, tucumã de março a abril, abacaxi de setembro a novembro e alguns agricultores com produção de maracujá e mel-de-cana na entre-safra.

Esta experiência pode vir a ser usada em outras comunidades da região, desde que sejam feitas adaptações na diversificação dos cultivos como o uso de fruteiras regionais.

É preciso que seja sempre evidenciada a questão da organização dos agricultores com a decisão de formar associações partindo da própria comunidade, para que a importância da participação de cada um seja internalizada.

Referências bibliográficas

GTA (Grupo de Trabalho Amazônico) - Projeto Proteger. 1999. Conferência dos Povos da Floresta: Queimada e Desenvolvimento Sustentável (documento). Belém-PA. 36p.

NORMANDO, M.C. de S.; GUIMARÃES, R. dos R., LIMA, H.C.; GARCIA, M.V.B. Relatório Técnico. Manaus: Embrapa-CPAA, 1994, 6p.